

**JESUS DE NAZARÉ, FRENTE ÀS FORÇAS DO SISTEMA
OPRESSOR — ONTEM E HOJE**
Uma leitura a partir de Mc 14,15-65

*José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino)**

Resumo

O artigo que apresentamos faz um estudo da perícopa (Mc 14,53-65). O texto pretende apresentar Jesus de Nazaré frente às forças do mal do seu tempo. Jesus de Nazaré, condenado à morte por todo um sistema religioso como blasfemo e bandido, é o Messias e o Juiz universal. A história de ontem e a história de hoje. Na América Latina acompanhamos vários casos de desrespeito aos Direitos Humanos. No Brasil, depois do golpe de 2016, assistimos a esse espetáculo. Para condenar Jesus as autoridades dão aparência de legalidade à condenação.

Palavras-chave: *Jesus de Nazaré. Forças do mal. Direitos Humanos.*

Abstract

This article presents a study of the pericope (Mk 14:53-65). The text aims to present Jesus of Nazareth against the evil forces of his time. Jesus of Nazareth, condemned to death as blasphemous and bandit by a religious system, is the Messiah and the universal judge. History of yesterday and today. In Latin America we follow several cases of disrespect for Human Rights. In Brazil, after the 2016 coup, we watch this spectacle. To condemn Jesus authorities give the conviction an appearance of legitimacy.

Keywords: *Jesus of Nazareth. Evil forces. Human Rights.*

* Doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP e Mestre em Antropologia pela UFPE; Licenciado em Filosofia pela UNICAP; Bacharelado em Filosofia pela UNICAP e Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia do Recife – ITER; prof. do Curso de Teologia na UNICAP e integrante do Instituto Humanitas UNICAP; pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos; membro do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste – GPPN.

Introdução

Precisamos todos e todas, resistir ao terrível esquecimento do que aconteceu no passado e daquilo que os que lutaram no passado sonharam e procuraram realizar. O passado vive em nós e dá força para continuar (Eduardo Hoornaert).

Neste texto pretendemos analisar uma perícopes do Evangelho de Marcos. O texto escolhido: Mc 14,53-65. Este texto bíblico traz uma profunda atualidade com o que se vive no Brasil e no mundo. O império tem suas estratégias para fazer valer seus interesses. No caso de Jesus, foi um total desrespeito aos direitos da pessoa humana. E hoje esse fato se repete. O dilema de Jesus era o dilema da população pobre de sua época.

É bem verdade que no século I, a dominação romana com seus impostos abusivos e o sistema religioso de Jerusalém tornaram-se insustentáveis. A realidade ia de mal a pior. Na Palestina, a repressão das autoridades contra as revoltas populares era violenta, um verdadeiro massacre, muitos grupos de judeus foram dizimados. A população foi deixada à sua sorte. Jesus não só acompanhava tudo atentamente, mas Ele vivia essa realidade.

É dentro desse contexto que nasceu o nacionalismo judaico: a espera de um messias rei. Para orientar a comunidade cristã, que também estava assumindo essa mentalidade, a liderança que escreveu o Evangelho de Marcos sentiu a necessidade de apresentar Jesus como o Messias-servo, que foi crucificado por ter assumido a causa dos oprimidos até o fim.

Os impérios de ontem e de hoje se tocam. Sabemos que a mão de ferro do Império Romano foi ainda mais pesada para os judeus e os cristãos. Em Roma, a comunidade cristã sofreu a perseguição de Nero (66 d.C.). Para quem gosta de assistir filme, sugiro: *Quo Vadis*. Conta a perseguição do Imperador Nero aos cristãos. O filme retrata muito bem o que significa cristãos sendo entregues às presas dos leões. O medo era constante. Guerras, massacres, fome e aflições faziam parte do dia a dia das pessoas.

1. Por que houve necessidade de escrever o Evangelho de Marcos?

Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos (Mc 10,43-44).

Há um só Jesus. Há um só evangelho. Mas temos quatro versões desse mesmo Jesus e desse mesmo evangelho. De cada um brota uma imagem diferente. Antes, pensávamos que o evangelista fosse um mero relator dos fatos e ditos de Jesus. Com o avançar dos estudos bíblicos, percebemos que ele é mais. É

um teólogo. Encontra-se, sim, diante de acontecimentos e mensagens de Jesus, transmitidos pelas comunidades, pelos testemunhos da geração apostólica, mas “estrutura-os de acordo com um projeto próprio, um eixo fundamental e interesse pessoais e da comunidade para a qual escreve”¹.

No norte da Galileia, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos estava tentando seguir o projeto de Jesus de Nazaré. Além dos conflitos externos como violência, fome e tentação de entrar nos movimentos nacionalistas com o messianismo do rei, internamente a comunidade enfrentava conflitos étnicos e culturais.

A chamada comunidade de Marcos vivia o contexto daquela época. A cultura romana perpassava os povoados mais distantes. O modo de vida romano e a busca desenfreada de bens, poder e privilégios foram assimilados por muitas pessoas, mas a comunidade de Marcos procurava resgatar e seguir o projeto de Jesus de Nazaré. A comunidade queria se firmar no propósito do seguimento ao Nazareno. Esse projeto apresentava Jesus como o Messias-servo e as condições para segui-lo. Surge a necessidade de escrever o Evangelho de Marcos. Nasce da necessidade da comunidade de colocar por escrito suas memórias sobre quem é Jesus, reforçando que Ele não é o messias do poder e da glória, mas seu messianismo passa pelo sofrimento e pelo escândalo da cruz.

Marcos, um cristão de origem judaica, quer revelar ao pagão a maravilhosa notícia de que Jesus é o Filho de Deus. O evangelho foi escrito, provavelmente, em Roma. Tudo indica que foi logo depois da famigerada perseguição do Imperador Nero (anos 54-68), enquanto na Palestina os romanos incendiavam Jerusalém, destruíram o Templo, deportavam e crucificavam milhares de judeus.

2. Sentido teológico dos cenários usados por Marcos

Há uma beleza no Evangelho de Marcos. Relaciona Jesus com os lugares onde viveu. Elabora uma verdadeira geografia teológica com uma imagem original de Jesus. Marcos relaciona Jesus com três importantes cenários: o deserto; o Mar da Galileia e o Caminho.

O deserto emoldura o início da vida pública de Jesus. Na tradição bíblica o deserto é um lugar paradoxal, da intimidade com Deus e da tentação. O Mar da Galileia é outro cenário. Mar é símbolo de vida. De lá surge a vida. Através do Mar da Galileia Jesus chama discípulos e aí cria sua comunidade. O caminho aponta para frente. É uma metáfora da vida do cristão que deve seguir sempre seu caminho. Segundo Comblin:

Se o cristianismo é urna caminhada – vinda de um passado, vivendo um presente precário e rumo a um futuro desconhecido – claro que a esperança

1. LIBÂNIO, João Batista. *Jesus na perspectiva de Marcos, Mateus, Lucas e João*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 3.

é a disposição fundamental do cristão, a base da sua vida. Estamos longe da preocupação pela salvação da alma. Nossa vida é o Reino de Deus neste mundo, as promessas, a espera dos dons do Espírito, a aspiração para a revelação do Espírito e o discernimento, o acolhimento e a coragem, a audácia, palavra evangélica básica, frente a um futuro ainda inseguro, mas dentro deste mundo em primeiro lugar. Pois quem se salva neste mundo, já está salvo para a eternidade. Todo o drama da vida se realiza neste mundo, e não na saída deste mundo².

O Evangelho de Marcos apresenta Jesus pregando e fazendo milagres em três cenários menores: a sinagoga (1,21), a casa (9,28) e a porta (1,33). A sinagoga é o lugar da oração pública. A casa é o espaço da vida privada. E a porta é o símbolo da vida pública. Nessa vida de peregrino, Jesus move-se entre a Galileia e Jerusalém. Mas Jesus era livre das estruturas sociais e livre dele mesmo. Jesus não se prende nem a Jerusalém do poder nem na Galileia dos judeus. Como se treinar para essa liberdade vivida por Jesus? Vejamos o texto em análise.

3. Evangelho de Mc 14,53-65: A força que emana do Espírito Santo

O Deus bíblico é um Deus de aventura. É um Deus de caminhada, de peregrinação. Essa foi a vida de Jesus de Nazaré. Nossa condição de peregrinante sacode a instalação e o marasmo (MPPN).

O cenário que começa a narrativa do julgamento de Jesus perante o Sinédrio (Mc 14,53) é muito sugestivo. Segundo Marcos, o julgamento de Jesus começa na casa do sumo sacerdote, onde se reúnem as autoridades. Aí estão representados todos aqueles que, desde o início, faziam um plano para matá-lo. Vejamos o texto:

⁵³Então, eles levaram Jesus à casa do sumo sacerdote. E se reuniram todos os chefes dos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei. ⁵⁴Pedro seguiu Jesus de longe, e entrou no pátio da casa do sumo sacerdote. Sentou-se junto com os guardas, e se esquentava junto ao fogo. ⁵⁵Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam contra Jesus algum testemunho, a fim de o condenar à morte. E nada encontraram, ⁵⁶porque muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os testemunhos deles não estavam de acordo. ⁵⁷Alguns se levantaram e testemunharam falsamente contra Jesus, ⁵⁸dizendo: “Nós o ouvimos dizer: ‘Vou destruir esse templo feito por homens, e em três dias construirei um outro, que não será feito pelos homens!’” ⁵⁹Mas, nem mesmo assim o testemunho deles estava de acordo. ⁶⁰Então o sumo sacerdote levantou-se e, no meio de todos, interrogou a

2. COMBLIN, José. *O caminho*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 23.

Jesus: “Nada tens a responder aos que testemunham contra ti?” ⁶¹*Mas Jesus continuou calado, e nada respondeu. O sumo sacerdote o interrogou de novo: “És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?”* ⁶²*Jesus respondeu: “Eu sou. E vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu”.* ⁶³*Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? ⁶⁴Vocês ouviram a blasfêmia! O que parece a vocês?”* *Então todos eles decretaram que Jesus era réu de morte.* ⁶⁵*Então alguns começaram a cuspir em Jesus. Cobriram o rosto de Jesus e o esbofeteavam, dizendo: “Faze uma profecia!” E os guardas lhe davam bofetadas*³.

O texto em estudo nos apresenta o julgamento de Jesus começando na casa do sumo sacerdote. Como Jesus nunca havia se deixado pegar nas armadilhas preparadas anteriormente, agora se torna necessária alguma prova, mesmo que “arranjada”, para dar aparência de legalidade à condenação.

Analisando, no tempo de Jesus e no tempo de hoje, podemos ainda ver situações parecidas. O poder usa de artimanhas muito parecidas. Independente da época.

A aflição dos inimigos de Jesus chega ao seu ápice, podemos caracterizar como sendo o cúmulo do desespero, usam de toda malícia buscando uma prova para condená-lo à morte; não achando, tentam inutilmente forjar algo que seja convincente. E aí pergunta:

Nada tens a responder aos que testemunham contra ti (14,60)?

Na realidade havia uma vontade deliberada de condenar Jesus. Por fim, o sumo sacerdote procura arrancar o testemunho do próprio Jesus:

És tu Messias, o Filho do Deus Bendito (14,61)?

Naturalmente a resposta de Jesus é uma confissão pura e verdadeira. É também a confissão da comunidade cristã. Vejamos:

Eu sou e vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu (14,62).

O sumo sacerdote, vendo que nada adiantava, resolve pressionar Jesus: “És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito?” Podemos imaginar que Jesus, não suportando mais o ato ridículo ali instalado, dá um basta.

Jesus de uma só vez enquadrou todo o Sinédrio (anciãos, escribas e sacerdotes), acontece que sua resposta trouxe grandes verdades e sérias consequências.

3. BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 2002.

Entenda o tamanho do problema que Jesus criou. Declarar-se Filho de Deus até aí tudo bem, não era considerado blasfêmia; agora sentar à direita do Pai e vir sobre as nuvens, já é querer fazer parte do Divino, era apossar-se das atribuições de Deus, ou seja, blasfêmia das grandes, não é à toa que todos queriam linchá-lo.

Na realidade, Jesus, ao relembrar um texto de Dn 7,13, se declara o Messias que é o Juiz universal. A ironia da ironia é que Jesus é juiz e está sentado no banco dos réus. Aqui mora um sentido profundamente teológico. A fé cristã reconhece seu juiz no próprio ato de sua condenação.

4. A vida de Jesus: um drama na luta contra o mal

Para Jesus de Nazaré a pessoa humana tinha valor único. Nada está acima da pessoa humana. O teólogo José Comblin é muito claro quando diz:

Com mais razão ainda Jesus entrou em conflito com os doutores da lei. Para estes a adoração a Deus consistia na observância da lei e para Jesus a verdadeira adoração consistia na opção pela vida. O verdadeiro Deus queria a vida dos seus filhos e filhas, e por isso Jesus dá vida, aumenta a vida, restitui a vida a todos os que sofrem, aos que foram prejudicados, destruídos pelas forças de morte. O conflito com os doutores era inevitável, e as mais duras palavras de Jesus são dirigidas aos doutores da lei⁴.

Este texto é muito interessante porque traz as artimanhas do poder para condenar Jesus. Vemos que o processo se inicia contra Jesus em busca de testemunhas: “Ora, os chefes dos sacerdotes e todo Sinédrio procuravam contra Jesus algum testemunho, a fim de condená-lo à morte” (14,55).

A história de Jesus se repete nos dias de hoje. O sistema procura condenar aqueles que incomodam e são um tropeço para suas ambições. Para o sistema vale tudo. Não precisa provas, mas apenas convicção⁵.

Judas já fez sua escolha e está cumprindo seu papel. Com uma saudação comum entre discípulo e mestre ele entrega o Messias aos carrascos. Judas o traiu enquanto os outros debandaram.

Podemos constatar que sem a força do Espírito Santo de Deus não se consegue ir adiante. Sempre chega a hora que o fiel discípulo é desafiado. Um dado interessante. Quanto ao único jovem que seguia Jesus, apenas Marcos faz refe-

4. COMBLIN, José. Bíblia e cidadania. *Estudos Bíblicos*, n. 79. Petrópolis: Vozes, 2003, 104.

5. No Brasil, “está em curso um processo de deslegitimação do ex-Presidente Lula através da atuação seletiva do sistema judicial no Brasil. A melhor forma de lutar contra essa flagrante e intolerável injustiça é defender o Estado de Direito no Brasil” (Paulo Sérgio Pinheiro, secretário de Direitos Humanos no governo Fernando Henrique Cardoso (2001-2003)).

rência, alguns comentadores acreditam tratar-se do próprio evangelista ou que foi acrescido para representar o discípulo fiel.

5. Atualidade da mensagem

É preciso ter um pé na Bíblia e outro no chão
(Carlos Mesters).

Como anunciar Deus, hoje. Naturalmente uma nova experiência de Deus não vem com a razão, mas vem pelos pés. Muito mais que falar sobre Deus é viver a maneira de Deus. A Boa-nova é descobrir o rastro de Deus. Para agir, no mundo, é preciso olhar, de perto, como Jesus foi “missionário de Deus”.

Alguns traços fundamentais de Jesus que passam a ser elementos fundamentais para a missão cristã no mundo. Por exemplo, Jesus acolhe os excluídos, sobretudo os doentes; Jesus vai ao encontro das pessoas, inclusive chamando-as para segui-lo; Jesus reconstrói a vida comunitária nos povoados da Galileia; Jesus recupera a dimensão caseira e festiva da fé; Jesus recupera a igualdade entre homem e mulher; Jesus supera as barreiras de gênero, religião, raça e classe; Jesus recupera o humano universal.

O texto de Marcos nos coloca desafios diante da missão. Marcos apresenta a vida de Jesus também como drama. Deus é o personagem central. Sempre presente, mas de maneira discreta. Intervém quando necessário. O drama maior vivido por Jesus é a prisão, o escândalo do tribunal, a condenação para a morte e a execução. Na realidade, o drama é uma luta entre Cristo e o demônio, entre a verdade e a mentira. A atualidade da mensagem nos convida a ficarmos atentos aos sinais.

É importante fazer um estudo comparativo do sistema de justiça do tempo de Jesus e de hoje. É impressionante como podemos perceber os mesmos defeitos quando a justiça trabalha politicamente. Jesus sempre teve a capacidade de repudiar os abusos que aconteciam em sua época. A palavra certa é: indignação. Jesus ficou indignado contra as injustiças. Ficou calado diante de uma “justiça” totalmente imparcial e seletiva.

Considerações finais

O que apresentamos foi um pequeno aperitivo para continuarmos esse aprofundamento. Vimos que Jesus é o novo Moisés. Maior que ele. Jesus é o mestre dos grandes sermões como também das grandes causas. O pobre é uma referência para Ele. Recomenda que os discípulos não só façam discípulos todos os povos (Mt 28,19), mas anunciem o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15).

Tudo o que dissemos foi para abrir um diálogo no caminho. É fundamental alimentar a esperança. Sem esperança não existe testemunho cristão.

A propósito, lembro uma história contada por místicos judeus que era a seguinte:

No século XVII, numa cidadezinha do norte da Europa, a pequena comunidade judaica reuniu para celebrar juntos, as famílias do campo e da cidade, a Festa da Páscoa. Todos vieram, festejaram e já estavam para ir embora quando o rabino perguntou se todos tinham gostado da festa. Todos afirmaram que sim, e um senhor explicou que estava tão feliz que, a caminho da sinagoga, havia encontrado um desconhecido que lhe perguntou:

– Neste lugar, o povo de Deus está bem?

– Ele havia respondido que todos estavam muito bem porque estavam celebrando a Festa da Páscoa. Então o desconhecido riu e disse:

– Então, graças a Deus posso ir ajudar em outro lugar.

Quando o rabino ouviu aquilo, caiu por terra e disse:

– Ah! Meu Deus! Era o Messias. Ele achou que estamos tão satisfeitos que nem o esperamos mais. Você tinha de dizer que celebramos a festa na alegria, mas que, durante a ceia, comemos ervas amargas para lembrar que ainda não estamos livres e ansiamos pela libertação⁶.

Jesus continua presente em nossa caminhada, sobretudo quando nos colocamos a serviço dos mais pobres e marginalizados de nossa sociedade. Nosso caminhar hoje também deve expressar a alegria da festa, mas nunca esqueçamos que ansiamos pela libertação. Sejam como Jesus, aliás, um evangelista resume toda a vida pública dele com o seguinte testemunho: “Passou fazendo o bem e sarando a todos”.

José Artur Tavares de Brito

Email: arturperegrino@gmail.com

Bibliografia

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos*. Romarias da BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 2002.

COMBLIN, José. *O caminho*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 23.

_____. Bíblia e cidadania. *Estudos Bíblicos*, n. 79. Petrópolis: Vozes, 2003.

CORREIA JÚNIOR, J.L. *O poder de Deus em Jesus*: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43. São Paulo: Paulinas, 2000.

6. BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos*. Romarias da BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

LIBÂNIO, João Batista. *Jesus na perspectiva de Marcos, Mateus, Lucas e João*. São Paulo: Paulinas, 2000.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e anti-humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

KONINGS, Johan. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos – Refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002.